

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 29 Janeiro 2014

*Texto de referência: L. Giussani, «A concepção que Jesus tem da vida», in Na origem da pretensão cristã, Tenacitas, 2012, págs. 107-119.*

- *Noi non sappiamo chi era*
- *Give Me Jesus*

### *Glória*

O trabalho para hoje era do ponto 2 – depois da premissa - em diante. Chegaram-nos muitas perguntas, sobretudo pedindo um esclarecimento sobre o ponto decisivo da premissa: que genialidade humana é esta sobre a qual *don Giussani* insiste como condição para poder colher quem é Jesus (ou seja, tudo o que vai dizer durante o capítulo). Então: é claro para todos que esta genialidade humana não é uma espontaneidade, diz *don Giussani*, não é um nível de santidade ou de irrepreensibilidade ética. Por isto dizia que este capítulo não diz respeito substancialmente a esta irrepreensibilidade, que é aquilo que costumamos perceber como moral ou moralismo. Os Evangelhos serão sempre um testemunho que pode haver uma maior abertura nos publicanos (que, sendo ladrões, não eram irrepreensíveis) do que nos fariseus (que pareciam mais irrepreensíveis). A genialidade humana de que fala *don Giussani* é uma abertura. Neste sentido pode-se chamar moral, mas é a moral como vem descrita no terceiro capítulo de *O Sentido Religioso*: a moralidade no conhecimento, ou seja, a abertura que torna possível o conhecimento. Portanto, este capítulo não é um manual de instruções, mas fala sobre uma atitude que permite, depois, interceptar Jesus. Tendo em conta que *don Giussani* diz que é necessário que esta genialidade, não espontânea, seja constantemente educada e provocada, a pergunta que surge é esta: de que modo se pode educar em nós esta genialidade? Como pode ser provocada? Qual é o trabalho que se deve fazer?

*Senti-me desafiado por ti na última Escola de Comunidade quando disseste que é preciso empenhar-se para ter escancarada a nossa abertura original, de outro modo não colhemos aquilo que acontece.*

*«Não colhemos aquilo que acontece».*

*A pergunta é: como se faz? Porque, para mim, este foi sempre o ponto crucial.*

*Não é «para ti»: este é «o» ponto crucial para todos! Porque, de outro modo, as coisas acontecem diante de nós e nós não as colhemos.*

*A mim parece-me que nas várias modalidades com que o Mistério sempre me agarrou, esta disponibilidade é em última instância uma graça, uma coisa que me é dada, ou seja, parece-me que não sou capaz de me comover, de me deixar ferir pelas coisas, mas que é somente quando tenho a graça de ser fortemente tocado, de ter uma ferida de tal modo aberta que, aderindo com toda a minha liberdade (e para mim esta foi sempre a passagem mais difícil e não óbvia), posso começar a viver verdadeiramente. Esta capacidade de ir ao fundo de mim mesmo, de chegar a perguntar-me com verdade o que é que me basta, de ir ao fundo das coisas, parece-me que não a tenho por mim mesmo por ser totalmente um dom. Isto é, se o Mistério pode chegar verdadeiramente a usar a aridez que me tem caracterizado nos últimos tempos para me fazer mais Seu, então que assim seja, aceito verdadeiramente também isto. Só não percebo a razão. A experiência que tenho feito é que dizendo sim, sobretudo em circunstâncias humanamente muito difíceis, a minha vida floresceu. Não percebi porque é que o Mistério passou através destas circunstâncias difíceis, como não percebo a aridez que experimento agora. Mas noto uma diferença: antes, nas circunstâncias difíceis que me eram dadas viver, recebia o cêntuplo naquele momento, enquanto que agora me parece que isso acontece menos. A radicalidade da proposta a que nos estás a chamar é objectivamente maior e é por isso que tenho necessidade de ser corrigido.*

A ti o que é que te ajuda?

*Neste momento o que me ajuda mais é a relação com os meus amigos.*

Ou seja?

*Porque me parece que...*

A relação com quem? Que característica têm esses amigos?

*Que encontraram aquilo que eu encontrei.*

Então, em que sentido és educado? Como é educado constantemente este teu dom natural? Através de quem? Basta olhar para a experiência, mas muitas vezes não nos damos conta: é porque tu és constantemente reaberto e escancarado que te é permitido surpreender em acto alguma coisa absolutamente única, viver as circunstâncias de uma forma diferente. Certo?

*Sim.*

Ponto. No entanto dizes que isto é um dom. É verdade mas é também uma abertura tua, da tua liberdade. Certo?

*Sim.*

Por isso o Mistério educa-nos através deste dom que constantemente nos provoca mas que deve ser acolhido com esta abertura total. Faço-me entender? E este acolhimento é teu, teu, teu e teu! O Mistério pode escancarar-te tudo como tantas vezes acontece mas dizer sim – como dizes – isso é teu. E só dizendo «sim» somos educados.

*No entanto o problema é quando não estás escancarado, quando as coisas te parecem distantes.*

Não, não podes voltar atrás! Se estás escancarado, estás escancarado. Se és tocado por alguma coisa, se foste tocado por alguma coisa, não podes dizer agora que não foste tocado: foste tocado e por isso escancarado, com a curiosidade despertada, aberto. Um instante depois desta abertura tu podes dizer «não» ou «sim». Mas não podes evitar que alguma coisa te toque. Por isso que tipo de coisas nos provoca? Somos provocados – dizia sempre *don* Giussani e por isso volto sempre a falar do valor pedagógico do décimo capítulo de *O Sentido Religioso* –, somos constantemente provocados pela realidade: é a realidade que desperta constantemente o espanto diante do real, em primeiro lugar. E, em segundo lugar, na realidade a presença mais real de todas chama-se «Cristo». Faço-me entender? Somos constantemente provocados, mas devemos também acolher constantemente. E isto depende de ti e de mim, percebe-se?

*Sim.*

Por isso cada um deve identificar onde é que a sua vida se escancarou, o que quer que tenha acontecido ontem; posso encontrar-me diante dum belo dia que reabre o desafio, posso encontrar-me diante duma presença que reabre o desafio porque a sua forma de estar no real me impressiona, pode acontecer através de qualquer coisa. Um de vocês escreveu-me: «Obrigado pela última Escola de Comunidade, porque este capítulo surgiu como uma surpresa de novidade que me encheu de espanto e de gratidão [aqui está: pode acontecer uma pessoa vir aqui e acontecer-lhe isto]. Reconhecendo isto, exultei porque consegui identificar o sinal inconfundível da experiência: o acontecer da sua presença que exalta o eu gera um desejo de aprofundamento, de consciência, de voltar a abraçar a vida com uma simplicidade mais nítida e uma operosidade mais alegre [ou seja, acontece um facto onde eu posso fazer experiência daquilo que o texto diz, e não simplesmente assumir como verdadeiras as coisas que leio no texto sem que se tornem incidentes na vida; não, aqui não, aqui começamos a tocar com a mão – acontece com muitos de vocês – que, precisamente porque acontece como experiência, incide na vida]. E como é desejável tornar estável, ou seja, viva e consciente, esta abertura original que Giussani nos chama! Quanto há de desejo nesta abertura! Para mim, nos momentos mais dolorosos e sombrios, está cheia de pedido [talvez seja nos momentos mais sombrios que pode estar cheia de pedido, de súplica]: “Dá-me a vida, porque sem Ti nada posso fazer”. E muitas vezes está dominada pela espera, uma espera que, na medida em que é consciente, é desprovida de qualquer pretensão. Quando cedo à distração [em vez de ceder ao pedido], ao hábito, ao já dado por adquirido, tudo fica seco, a espera torna-se pretensão e surge a lamentação, ainda que surda, escondida [tudo seca!]. Assim, a inevitável *secura* do eu permite

perceber que aquela abertura não é uma espontaneidade automática [é assim: pode secar porque há sempre a liberdade pelo meio, não é espontaneidade pura, pode secar]. Também esta é uma experiência necessária. Então, como manter acordada e aberta esta abertura original provocada e ordenada? Para mim, a ajuda maior é a leitura dos textos de *don* Gius. Neste momento, ler a sua biografia faz com que eu volte a viver a experiência dos discípulos de Emaús: “Não te ardia o coração no peito enquanto conversava conosco?”, é um ímpeto de beleza que exalta a vida [porque é a comunicação de uma experiência que me arrasta e me abre]. E dou-me conta de que tudo isto encontra na Escola de Comunidade uma ajuda poderosa para não ficar um acontecimento sentimental sem consequências estáveis. É um trabalho crítico que inevitavelmente implica esforço, que me ajuda a tornar conscientes e, portanto, meus, os passos a dar. Não era de resto o que fazia Jesus quando perguntava a todos os que iam ao encontro de João Baptista: “Mas o que é que foram ver ao deserto? Um cana agitada pelo vento? E então o que foram ver? Um profeta?” [Jesus provoca os discípulos ajudando-os a ir ao fundo daquilo que os impeliu a ir ao encontro de João Baptista: “Mas o que é que foram ver?”. “Um profeta”. “Digo-vos: mais do que um profeta!"]. Ou quando lhes diz: “Querem ir lá também vocês?”. Jesus provoca-nos a irmos até ao fundo. E quando uma pessoa vê isto em acção, vive uma abertura, como conta a jovem que, depois de ter visto o episódio de *Vidas extraordinárias* dedicado a *don* Giussani (de 2007, recentemente carregado no site do CL), escreve este mail: «Eu não sou do movimento, pelo menos ainda não. Mas aquilo que vi e vejo em todos vocês é algo de grandioso que nunca tinha visto na minha vida [esta jovem não está a fazer reflexões sobre o texto, não está a repetir coisas que, embora verdadeiras, ouviu dizer; não, está a olhar para uma experiência, para alguma coisa que está a acontecer agora]. Eu pertencia a outro movimento quando estava na minha cidade, por isso já conhecia a realidade dos movimentos religiosos; mas nunca tinha encontrado nada de tão real e concreto. É impossível não reconhecer que aquilo que vos move, que move toda a gente, é um desejo fortíssimo de sermos felizes, e isto traduz-se, inevitavelmente, em seguir Cristo. Graças a este episódio que acabei de ver, percebi muitas coisas que já conhecia, mas não percebia até ao fundo: não percebia o que significa Cristo, que Cristo não veio trazer a paz, mas a guerra, não percebia o que queria dizer que o primeiro amor em nós é Ele, não captava o sentido da expressão “ser coerente contigo mesmo até ao fundo”, não percebia muitas coisas. Desde que encontrei o CLU, cresci imenso e descobri esta nova e belíssima realidade que nos prende e nos arrasta para cima, cada vez mais acima de qualquer possível desejo humano [vejam isto é o que nos abre: uma realidade presente que prende e arrasta para cima, mais para cima qualquer desejo humano!], esta realidade que nos pede para sermos fiéis a nós mesmos em todo o nosso desejo. É por isso que quando, no fim, ouvi a jornalista perguntar-te se os jovens de hoje são sensíveis ao carisma do CL como aqueles que conheceram *don* Giussani, não pude deixar de exclamar: «Mas é impossível não o ser!». Pareceu-me evidente, como à luz do sol, que esta verdade que transmitimos atrai quem quer que tenha um coração aberto e desejoso, mesmo que talvez ainda não se tenha dado conta disso. Não escondo que, pensando no período em que vivemos, me sinto terrivelmente desmotivada e aviltada porque tudo gira em torno duma superficialidade que procura reduzir o desejo, porque somos todos os dias atacados por todos os lados, com qualquer coisa que sirva para nos bater, e sinto-me perdida. Ainda não li o texto d’*Na origem da pretensão cristã* para a próxima Escola de Comunidade, mas há muito que uma pergunta me incomoda: como é que faço para ser fiel a mim mesma num período como este? Sinto-me impotente e tenho medo de acabar por me resignar a este mundo que quer arrancar-nos o nosso maior desejo. Tenho medo de me habituar ao facto de que talvez não possa fazer nada». Respondo: faz como foste capaz de fazer até agora, ou seja, através do reconhecimento de uma experiência presente que nem mesmo os ataques recebidos podem anular. É uma experiência tal que é mais poderosa do que qualquer ataque. Esta amiga vê o risco, que todos corremos, da redução do desejo, porque na situação cultural em que vivemos – como sempre apontou *don* Giussani – o que é que o poder tenta fazer? Tenta reduzir o desejo, transformar-nos em resignados. Por isso esta rapariga não está enganada quando vê agora, no presente (não no passado!), pessoas que têm este desejo, e por isso é presa, arrastada para cima, mais para cima do que qualquer possível desejo humano. É a isto

que este capítulo oitavo tenta responder, e que temos ainda dificuldade em compreender. Por isso leio este mail para passarmos ao ponto que temos que tratar hoje: «Queria dizer-te que, apesar de tudo o que foi dito na última Escola de Comunidade, continuo a ter dificuldades com o capítulo oitavo. Vejo apenas lampejos que se ligam àquilo que eu vivo [cada um pode pegar num excerto ou noutra do capítulo, está cheio de pontos, é uma riqueza de tal maneira grande que se pode sempre pegar nalgum excerto], mas no fim não consigo falar de nada que ilumine a minha experiência; é como se eu não O conhecesse melhor [se este capítulo é colocado no final do percurso da fé, ou seja, no final do percurso para O conhecermos melhor e nos ajudar a decidir se cremos ou não, se eu não O conheço melhor, para que serve este capítulo?] Isto é grave, acima de tudo porque, como nos dizias, “não se cimenta a relação com Ele”, que é a coisa mais premente para mim. Então perguntei-me: mas porque é que *don* Gius escreveu este livro e este capítulo? E reli o prefácio do livro, e ali, no prefácio, diz isto: “Não é o raciocínio abstracto que faz crescer, que alarga a mente, mas o encontrar na humanidade um momento de verdade alcançada e dita” [como encontrou a rapariga do mail anterior: o que alarga e abre a razão é encontrar na humanidade, isto é, no presente, em alguém, na humanidade de alguém, um momento de verdade alcançada e dita; e porque foi alcançada, pode afirmá-la duma certa maneira, caso contrário isso não seria possível!] E *don* Giussani continua: “É a grande inversão de método que marca a passagem do sentido religioso à fé: já não um procurar cheio de incógnitas, mas a surpresa de um facto acontecido na história dos homens”. Esta última coisa é a mais premente para mim na vida, em absoluto, ou seja que aquele que me fez começar se torne tão familiar [quem não deseja isto], como a minha mãe e o meu pai; e dei-me conta que preciso de recuperar as razões de uma fé consciente e madura que não tenho. Por isso estou a pensar em refazer o percurso do livro desde o início». Na estrada indicada por *don* Giussani, Cristo torna-se tão familiar como a relação com a nossa própria mãe ou com o nosso próprio pai: com o tempo, torna-se mais constitutivo da pessoa. A verdadeira questão, então, é: Cristo tornou-se mais familiar? O problema é que não basta reler o livro desde o princípio – contradizendo o que ela própria diz na frase anterior –, mas é preciso encontrar no presente um momento de verdade alcançada e dita; caso contrário, podemos continuar a afirmar coisas como sendo verdadeiras, mas que não são experiência, porque não nos abrem o coração. De facto, o ponto 2 depois da premissa (percebem porque é que *don* Giussani faz tanta questão da premissa?) começa assim – e por isso é um problema de consciência! –: «Quem é Jesus?». A pergunta a que este capítulo tenta responder é: quem é Jesus? A questão é como é que eu, ao ler o capítulo, reconheço melhor quem é Jesus. Não têm a ver com isto os nossos comentários, se fazemos bem ou isto ou aquilo; não, mas: quem é Jesus? «A pergunta foi feita. E Ele responde». Como é que eu respondo hoje a esta pergunta? Lendo o capítulo e fazendo experiência dele, não assumindo como verdadeiras as coisas apenas porque são afirmadas no capítulo, mas como alguma coisa de experimentado no presente. E cada um deve perguntar-se, depois destes meses, como responderia a alguém que lhe perguntasse: tu, em que medida é que percebeste melhor quem é Jesus? Com que factos é que podes responder à pergunta? O que é que viste durante estes mês para que possas dizer que conhecestes melhor Jesus nisto ou naquilo ou naqueloutro? Em que é que se vê? Senão, podemos prescindir do livro da Escola de Comunidade e fazer os nossos comentários, ou transformar o livro no pretexto para fazermos os nossos comentários. Não, não, não, a pergunta é: quem é Jesus? E Ele responde «revelando-se através de todos os gestos da Sua personalidade» (*Na origem da pretensão cristã*, p. 107). Como é que se revelou Jesus no presente? Através dos gestos onde nós o pudemos aperceber.

*Eu surpreendi-o de modo particular quando fui ter com um amigo porque, movido pelos avisos da última Escola de Comunidade onde tu nos falavas do vídeo para os sessenta anos do movimento...*

Ao menos alguém que o leva a sério, ao vídeo.

*Comecei a telefonar aos amigos: “Olha que é uma ocasião que nos diz respeito a todos.” Entre estes amigos telefonei a um que é responsável de uma exploração agrícola. E este respondeu-me “Vem ter comigo no Domingo de manhã, às seis, à exploração agrícola. Fui com alguns amigos:*

*encontrámo-nos às cinco da manhã e chegamos às seis à sua exploração. Vimos todo o seu dia de trabalho, o que faz, todas as atividades.*

Cansativo.

*Cansativo.*

É dizer pouco.

*Além disso é uma pessoa que trabalha das seis da manhã às sete da tarde, ao Sábado das seis da manhã às quatro e aos Domingos das seis da manhã ao meio-dia. E o que é mais espetacular é a cara com que faz aquele trabalho. De facto, no fim de toda a manhã passada com ele perguntei-lhe: “Mas não te custa vir trabalhar ao Domingo? Porque é que não te custa?”. E ele: “A mim marcou-me muito na página 39 do livro Vita di don Giussani esta afirmação dele: «Aquilo de que tudo é feito tornou-se um de nós. Por conseguinte quem O encontra deveria dar a volta ao mundo e gritá-lo a todos. Mas uma pessoa pode dar a volta ao mundo e gritá-lo a todos estando no lugar em que Cristo a colocou». Percebes? Isto quer dizer fazer bem o meu trabalho, fazer as vacas estarem melhor, fazer o meu chefe ganhar mais. E assim, para alguém que encontrou Cristo todos os dias são Domingo. De facto, a mim não custa vir trabalhar ao Domingo”. Encontrei o sinal ali, vi-o acontecer diante dos meus olhos em carne e osso.*

Porquê?

*Porque é mesmo verdade que só o divino salva o humano. Algo assim não é normal.*

Somente o divino salva o humano. Não como uma citação que todos podemos fazer, para depois sufocar com as vacas – cada um tem as suas! – mas respirando na exploração agrícola. Isto é diferente do que afirmar simplesmente as coisas como verdadeiras e não fazer experiência! Apenas quem faz esta experiência percebe quem é Jesus, pode responder à pergunta: quem é Jesus? Não com uma frase teológica mas porque Ele se desvela nas suas vísceras, naquilo que vive dia-a-dia. E nós sabemos quem é Jesus se isto hoje é uma experiência para nós, porque só o divino pode salvar o humano, as dimensões da figura humana, para não nos tornarmos uma vaca entre as vacas reduzindo os próprios desejos e vivendo no lamento e na resignação. E então “o coração «moral» [não moralista, não irrepreensível eticamente] entrevê a presença do Senhor”(idem pag.107). Percebe-O agora no presente, entre as vacas, não esperando que acabe o trabalho com as vacas para começar a viver; entre as vacas! Este é olhar que Jesus trouxe ao mundo. Por isso, encontrar este olhar é o que nos faz conhecer Jesus. Porquê? Porque Jesus, diz a Escola de Comunidade, identificou aquele fator fundamental pelo qual “todo o mundo não vale a mais pequena pessoa”(ivi), nada no universo é comparável a isto. Uma pessoa pode ter a profissão que quiser (ou a que a realidade lhe permite) mas ali, nos pequenos pormenores, Jesus identifica um factor fundamental para que esta pessoa possa viver as dimensões do mundo, e nenhum poder deste mundo poderá alguma vez apagar isto naquela pessoa, porque ninguém pode apagar a potência que este olhar introduziu na vida. Isto demonstra-se nisto: que uma pessoa possa fazer uma experiência destas diz-nos até que ponto é verdade que “Estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo”. Porque sem a presença de Jesus agora, nós não podemos fazer esta experiência. É por isso que temos medo de nos resignar-nos, temos medo de decairmos; mas Jesus olha sempre para aquele ponto fundamental, o ponto inflamado que não tem comparação no universo. Porquê? Porque «cada homem possui um princípio original e irreduzível» (ivi). É isso que lhe dá valor. E o que é que possui? Possui que – ao contrário do que diz a mentalidade dominante – o valor da pessoa não são as reações que pode ter, mas algo que ninguém lhe pode atribuir nem ninguém lhe pode tirar. E eu, no meio da produção agrícola, na prisão, na doença, na dificuldade do estudo ou no trabalho árduo, não perco – nunca! – aquele fator que torna a minha pessoa única. E como é que se vê que Jesus concede este valor a cada pessoa? Na paixão por cada individuo, no ímpeto pela felicidade de cada um de nós, quando vemos que alguém nos olha assim, quando nos cruzamos com alguém que nos fala da vida assim, que acorda em nós todo o desejo da nossa felicidade, que pode já estar abaixo do nível mínimo. Nesse momento começamos a fazer de novo experiência de Cristo no presente. Porquê? Porque para Ele o problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem, porque tudo o resto... Poderia ter criado uma infinidade de outras espécies mas Ele criou o homem e tudo depende desta

felicidade do homem singular. Por isso emerge a pergunta do Evangelho que tanto nos interpela (a que *don* Giussani nos respondeu de forma tão espetacular): “Que aproveitará a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?” (*idem* pag. 108) Nesta pergunta verifica-se quem é Jesus. Que olhar tem *don* Giussani diante desta pergunta que tantas vezes lemos apenas com uma chave moralista! Pelo contrário *don* Giussani percebe-o da forma mais esmagadora: “Nenhuma [...] ternura [...] investiu mais o coração do homem do que esta palavra de Cristo apaixonado pela vida do homem “(ivi) Mas, muitas vezes, quando nós lemos esta frase não é esta ternura que sentimos por nós. É quando alguém no-la rediz que talvez consigamos alcançar a ternura por dentro desta frase, porque é como dizer: ”Mas não te dá conta para que fim és feito, qual é a grandeza para a qual és feito?”. Reparem que *don* Giussani diz que “ouvir [estas] [...] interrogações feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza” (ivi). Isto é: A interrogação de Jesus (“Que aproveitará a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?”) coincide com a nossa natureza, com o nosso coração que é exigência de felicidade. Jesus olha para toda a nossa natureza e vê-a muito mais além, estima-a muito mais do que nós somos capazes. Por isso diz *don* Giussani: “Se se é surdo [a estas interrogações, a esta natureza do eu] [...] travam-se as experiências humanas mais significativas” (ivi), a vida reduz-se, é a aridez. Quando nós renunciemos a viver à altura destes desejos tudo se torna informe. Pelo contrário, o sinal mais patente da presença de Jesus, da estima, da paixão de Jesus, é encontrar no presente alguém que, redespertado por Ele, vive, não porque não falha mais, mas porque nunca se resigna a viver sem ser à altura destes desejos. E isto porquê? Porque “de facto, o motivo último que impele a querer-se bem a si próprio e ao outro é o mistério do *Eu*” (ivi). Giussani está sempre a voltar a isto: a única coisa que nos pode convencer a tomar a sério mesmo as interrogativas de Jesus, a tomar a sério esta modalidade, esta paixão de Cristo pela felicidade de cada um de nós, é o amor a nós próprios como destino, ou seja, o querer-nos bem a nós próprios. Sem isto, é impossível que O possamos conhecê-Lo. E isto pode acontecer através da última pessoa que chega, como me escreve uma de vocês: «Fiquei desanimada depois da última Escola de Comunidade, como me acontece quando aquilo que dizes não tem eco na minha experiência. Depois aconteceu-me isto: tenho uma sobrinha que está nos Liceus, mas de forma superficial e, quanto a mim, com pouca convicção. No dia 28 de dezembro vem de umas férias, precisamente com os Liceus, e conta-nos que, depois de ter ouvido um testemunho, se sentiu tão interpelada, tão "olhada" que, ainda que lhe tremessem as pernas, "teve" que intervir na assembleia final para dizer que, sim, mesmo com os seus problemas, não podia não desejar ser feliz. Que o divino tenha escolhido esta rapariga para se mostrar a mim, encheu-me de espanto e de gratidão». O último que chegou pode ser aquele que nos testemunha melhor que todos os outros a presença de Cristo. O que é que impressionou esta nossa amiga? Ver um momento de verdade alcançada e dita nesta rapariga, ou seja, um facto presente que inevitavelmente desperta em quem o vê tudo aquilo que deseja. Isto mostra, diz Giussani, até que ponto nós dependemos. Em que é que consiste esta relação que Cristo vê? Em que é que se funda o valor da pessoa? Funda-se na evidência que dependemos. Mas isto não nos deixa tranquilos. Vários se perguntam: «Afinal esta dependência é uma conveniência ou um peso?». Cada um de nós tem que fazer as contas com todos os desafios e com todas as perguntas. Leio um e-mail: «Desagradame muito, eu que não estou de acordo sobre a questão da dependência [juízo claro]! Não consigo dizer que a dependência é aquilo que mais convém à minha vida, é aquilo que é mais conveniente na vida. A mim, aliás, acontece-me sempre, em cada momento, perceber esta dependência, ou seja, a minha incapacidade de depender unicamente de mim própria, vejo em cada momento a minha fragilidade e incapacidade. Dizer que isto me liberta é falso. Podes explicar, se faz favor, o que queres dizer quando falas de dependência? É que para mim não é uma conveniência, mas um peso. Gostaria de um pouco de autorreferencialidade, porque agora, seja para que lado me vire, aparece-me e faz-me pensar a minha necessidade de dependência. Se pudesses esclarecer este fator, ficar-te-ia grata». O mesmo me diz outro: «Quão difícil é deixar-se fazer por um Outro, ou seja, depender». Por isso, queria ler uma carta em que um de vocês me conta a sua experiência no hospital: «Depois de ter tomado o primeiro cocktail de remédios do dia, com a intenção clara de não querer falar com

ninguém, nem ao telefone nem de outra forma, peguei no livro da Escola de Comunidade e li os pontos que nos pediste que trabalhássemos, e chegado ao ponto “a dependência original” já não conseguia avançar. Ler que o homem é relação directa exclusiva com Deus fez-me exultar. Nem sei quantas vezes ouvi esta frase. Mas relê-la na condição em que me encontrava, zangado, mas também inconscientemente sem defesas [zangado, mas sem defesas: vêm a fissura por onde entra o Mistério?], era aquilo que eu queria ouvir dizer [tantas vezes dizemos que não estamos de acordo, que a dependência é um peso, até quando chega um momento em que nos damos conta que o facto que exista Alguém maior do que nós, de quem dependemos, é aquilo que verdadeiramente queremos ouvir dizer]. E comecei a levantar a cabeça e olhar tudo com esta frase diante dos olhos. Que eu sou relação exclusiva e directa com Deus quer dizer que há um Tu real a quem me posso dirigir, posso pedir para perceber, posso perguntar, posso zangar-me porque não percebo; mas existe e quer-me aqui onde estou e como sou, fala-me através daquilo que me acontece. E comecei a viver estes dias assim, obrigado a estar no hospital monitorizado por um pequeno problema, obedecendo àquilo que Ele naquele momento me pedia e até a olhar o meu colega de quarto de 75 anos assim, ele que chorou porque me ia embora quando nos despedimos (eu não fiz nada para ser simpático). De novo em casa tinha medo que aquilo que tinha vivido fosse um autoconvencimento, mas paradoxalmente dei-me conta depois, retomando a vida normal, que numa cama de hospital com o coração cheio de perguntas, mas com a certeza desta relação, estava totalmente em tensão para não perder um único segundo de tempo daquele dia maçador, enquanto que, normalmente, nem sequer me dou conta do tempo que perco. E, incrivelmente – digo-o com tremor – senti saudade daqueles dias e daquela tensão que me fazia perguntar, que me fazia estar contente. Viver a dependência com esta consciência de relação e não porque simplesmente tenho que tomar os remédios, é outra coisa». Viver a dependência convém-nos ou é um peso? As pessoas que me escreveram ao menos saibam que há uma outra possibilidade de a viver: não como um peso, mas como uma conveniência. E quando lhes acontecer encontrarem-se numa circunstância que facilite esta possibilidade de abertura, verão isto também nas próprias vidas. Mas é assim. Por isso percebem porque é que crucial ter esta abertura para conhecer Jesus, porque nós podemos dizer quem é Jesus se vemos acontecer isto em nós. Como diz o ponto 3, no início: «A insistência na religiosidade é o primeiro absoluto dever do educador, ou seja, do amigo, daquele que ama e quer ajudar o humano no caminho para o seu destino. [...] Não se pode pensar em começar a perceber o cristianismo senão partindo da [...] paixão [pela] pessoa singular» (*ibidem*, pág. 112). Cada um pode ver os amigos que tem exatamente por isto, na medida em que o ajudam a que esta religiosidade volte a acontecer constantemente em si. E assim, uma pessoa pode ir ter com o amigo aos estábulos e ver voltar a acontecer em si isto, não porque lhe faça um discurso sobre a religiosidade, mas porque a religiosidade sucede quando uma pessoa encontra uma humanidade alcançada e dita, quando se encontra diante de um facto presente que, nem sabe como, o reabre. E então uma pessoa começa a ver quem é Jesus precisamente por aquela novidade que se reabre na vida. Continuamos a trabalhar sobre este capítulo porque, como veem, podíamos estar o ano inteiro com ele. É inesgotável. Por isso, não o demos já por adquirido, porque está todo para ser descoberto, é uma novidade em cada linha.

A próxima Escola de comunidade terá lugar quarta-feira 26 de Fevereiro às 21.30 horas e continuaremos o trabalho sobre o capítulo oitavo, a parte que falta do capítulo (pág. 119 à 127).

Relanço-vos a proposta da **apresentação pública** nas vossas cidades, universidades e nos vários âmbitos, do livro *Vita di don Giussani*, porque é uma grande ocasião para conhecer e dar a conhecer a todos o carisma que nos fascinou. Como ouviram, quando alguém o lê, é como tocar “a orla do manto” hoje. Estamos a fazer publicidade a um facto presente.

Para ajudar a organizar os encontros podem também contactar a Associação dos Centros Culturais (site internet [www.centriculturali.org](http://www.centriculturali.org)).

Lembro-vos que propusemos este texto como «livro do ano» para dar tempo adequado a todos para o ler, para saborear o que quer dizer ter diante uma pessoa que vive aquilo que nos dissemos, um testemunho vivido deste capítulo. Não é preciso ter pressa, simplesmente tê-lo como companheiro de caminho, não é um livro que uma pessoa tem de terminar, porque por vezes uma pessoa não pode avançar porque é tão perturbador aquilo que lê, que diz: «Tenho de parar aqui». Por isso se conseguirmos acabá-lo num ano... Quem já começou a lê-lo poderá confirmar-vos como é precioso para si e para os outros, como também resultou das apresentações públicas em algumas cidades, das quais podem encontrar documentação no site do CL, no Twitter e Facebook.

Os **Exercícios da Fraternidade** terão lugar em **Rimini** de **4 a 6 de Abril** de **2014**. A secretaria da Fraternidade enviará, como no ano passado, aos inscritos um e-mail.

Os **Exercícios dos adultos e jovens trabalhadores** terão lugar em Rimini na semana seguinte aos da Fraternidade, isto é, de **11 a 13 de Abril** de **2014**. Estes Exercícios são pensados sobretudo para as pessoas não inscritas na Fraternidade e para as pessoas novas; têm por isso uma valência missionária de convite e de proposta a todos.

**Vídeo para o 60º aniversário do nascimento de Comunhão e Libertação.** Depois do que ouvimos, parece-me que todos se podem desde já sentir convidados a fazer um vídeo. Para dar mais tempo para a realização das filmagens, a data para carregá-los no site foi prorrogada até ao fim de Fevereiro.

Lembro-vos que não é preciso serem profissionais para o realizar, só se quer o ímpeto duma paixão para documentar aquilo que somos; não é preciso contar outra coisa, basta que cada um possa contar testemunhos para que possam ser verdadeiramente úteis a muitas pessoas que o possam ver. A proposta portanto diz respeito a todos, precisamente por esta paixão missionária. Porque fazemos este vídeo? Não para nos exibirmos, mas para poder dividir – como dizia o nosso amigo citando Giussani – com os outros aquilo que nós conhecemos. Por isso diz respeito a todos, não diz respeito apenas aos “especialistas” de vídeo.

**27 de Abril: Canonização de João Paulo II e João XXIII.** A celebração da Santa Missa com o Papa Francisco terá lugar na Praça de S. Pedro em Roma com início provável às 10.00 horas (seguida da recitação do *Regina Coeli*).

Para a participação o Vaticano não pôs à disposição nenhum bilhete para a entrada na Praça de S. Pedro (recordamos que, por ocasião da beatificação de João Paulo II, a Via da Conciliação estava cheia de peregrinos desde noite). Quando tivermos outras indicações comunicaremos.

**10 de Maio: Encontro com o Papa Francisco para o mundo da escola.** O encontro com o Papa, organizado pela Conferência Episcopal Italiana para todo o mundo da escola (professores, pais, estudantes), terá lugar na Praça de S. Pedro em Roma das 15.00 às 18.30.

O tema da educação – tão importante para a nossa história – é tão querido ao Papa Francisco, como já demonstrou em numerosas intervenções. Quando tivermos outras informações daremos.

**Sábado, 8 de Fevereiro** terá lugar a XIV Jornada Nacional de Recolha do Medicamento organizada pela Fundação **Banco Farmacêutico**. Trata-se de um importante gesto de gratuidade e de ajuda – sobretudo neste período de crise económica – aos mais pobres. É preciso voluntários para cobrir os turnos de recolha nas farmácias. Para informações e contactos: [www.bancofarmaceutico.org](http://www.bancofarmaceutico.org)

*Veni Sancte Spiritus*

Boa noite a todos.